

«CASA» COMO CENÁRIO NO EVANGELHO DE MATEUS: FICCIONALIZAÇÃO E RECEPÇÃO^{1*}

JOÃO LEONEL

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE – SÃO PAULO

joao.leonel@uol.com.br

RESUMO: Na tradição ocidental de estudos teórico-narrativos, o espaço ficcional tem sido preterido em favor de outros elementos como narrador, tempo, personagens e enredo. Mais recentemente, sob o impacto de grandes movimentos migratórios derivados principalmente de conflitos bélicos e de crises climáticas, o aspecto espacial veio à tona. O ressurgimento dramático da busca por relocalização geográfica tem impactado tanto a reflexão teórico-literária quanto a produção ficcional.

Os estudos da Bíblia seguem percurso semelhante. Sob o influxo da leitura e interpretação historicistas que regem os estudos bíblicos nos últimos dois séculos, elementos literários e, de modo particular o estudo da constituição de espaços, têm sido em grande parte desconsiderados. Somente a partir dos anos 1980 é que a perspectiva analítica começou a ser alterada, acompanhando o desenvolvimento de novas teorias, principalmente ligadas aos estudos da linguagem e da literatura. Dessa forma, passou-se a utilizar conceitos da teoria literária para analisar narrativas bíblicas. De modo particular, como espaços geográficos presentes em textos bíblicos são ficcionalizados e inseridos no rol de elementos literários disponíveis ao autor para a composição da obra. Nesse contexto, este artigo estuda um livro bíblico específico – o evangelho de Mateus, e de modo particular um espaço – a casa – visando detectar como tal cenário exerce funções literárias no referido evangelho. O desenvolvimento do artigo visa a demonstrar que a casa, para além de espaço histórico/geográfico, é apresentada no evangelho de Mateus como estratégia retórica de convencimento dos leitores e de atualização do texto evangélico. Para tanto, são utilizadas teorias desenvolvidas por Franz Karl Stanzel, Roland Barthes e Jean Marie Goulemot que vinculam o foco narrativo com a construção de espaços narrativos e a recepção de textos literários.

PALAVRAS-CHAVE: Espaço narrativo; ficcionalização; evangelho de Mateus; casa.

ABSTRACT: In the western tradition of narrative-theoretical studies, fictional space has been neglected in favor of other elements such as narrator,

^{1*} Este trabalho foi financiado em parte pelo Fundo Mackenzie de Pesquisa.

time, characters, and plot. More recently, under the impact of large migratory movements derived mainly from war conflicts and climate crises, the spatial aspect has surfaced. The dramatic resurgence of the search for geographical relocation has impacted both theoretical and literary reflection and fictional production.

Bible studies follow a similar course. Under the influence of historicist reading and interpretation governing biblical studies over the past two centuries, literary elements, and in particular the study of the constitution of spaces, have been largely disregarded. Only from the 1980s onwards did the analytical perspective begin to change, accompanying the development of new theories, mainly linked to studies of language and literature. Thus, concepts of literary theory were used to analyze biblical narratives. In particular, as geographical spaces present in biblical texts are fictionalized and inserted in the list of literary elements available to the author for the composition of the work. This article studies a specific biblical book - the gospel of Matthew, and in particular a space - the house - to detect how such a scenario performs literary functions in that gospel. The development of the article aims to demonstrate that the house, beyond historical/geographical space, is presented in the Gospel of Matthew as a rhetorical strategy for convincing readers and updating the gospel text. We use theories developed by Franz Karl Stanzel, Roland Barthes, and Jean Marie Goulemot that link the narrative focus with the construction of narrative spaces and the reception of literary texts.

KEYWORDS: Narrative space; Fictionalization; the Gospel of Matthew; House.

Introdução

Dentre os elementos que compõem o texto narrativo, o “espaço” ou “cenário” tem sido desconsiderado e sofrido abandono teórico no tratamento ficcional. Pelo menos é o que escreveu Antonio Dimas, em 1985², em relação ao romance: “No quadro da sofisticação crítica a que chegaram os estudos sobre o romance, é fácil perceber que alguns aspectos ganharam preferência sobre outros e que o estudo do *espaço* ainda não encontrou receptividade sistemática”³. Passados quase 30 anos, Luis Alberto Brandão lembra que as dificuldades com o “espaço” se devem às principais correntes teóricas surgidas no início do século XX:

[...] o espaço não ocupa posição de destaque nas referidas correntes teóricas porque as vanguardas, em linhas gerais, se recusam a atribuir à arte a função de representar

² Ano da primeira edição da obra.

³ DIMAS, Antonio – *Espaço e romance*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1994, p. 6, grifo do autor.

*a realidade. Assim, se o espaço era entendido como categoria empírica derivada da percepção direta do mundo, conforme a tradição realista-naturalista, vinculada à linhagem positivista do século XIX, ele não despertava interesse em um pensamento que, essencialmente antimimético – por conceber a mimese como imitativo –, elege o debate sobre linguagem como alicerce teórico principal*⁴.

E ainda mais recentemente Cristhiano Aguiar, em livro dedicado ao estudo dos “espaços ficcionais”, reafirma o que foi dito pelos autores citados: “[...] se compararmos com os estudos dedicados a outros aspectos da narrativa, tais como a personagem ou o foco narrativo, veremos o quanto apenas em tempos recentes o espaço tem recebido um tratamento mais aprofundado”⁵.

O mesmo ocorre no campo da exegese bíblica. O israelense Simon Bar-Efrat, em livro publicado em 1979 e traduzido para o inglês como *Narrative art in the Bible*, em 1989, deixa claro o tratamento secundário reservado ao “espaço” ou “cenário”⁶: *Os lugares existem como um pano de fundo para os eventos, como a arena na qual o enredo se desenrolará*⁷. E: “Por que são dramáticas, elas [as narrativas bíblicas] recorrem principalmente para a dimensão de tempo para facilitar o desenvolvimento do enredo, sendo que *o espaço tem apenas importância secundária*”⁸.

O já clássico livro de Robert Alter, *A arte da narrativa bíblica*, de 1981⁹, por sua vez, também apresenta ressalvas aos cenários, não reservando capítulo para o tema e nem mesmo contemplando-o em suas análises¹⁰.

Mais próximo temporalmente, no livro *The Ontology of Space in Biblical Hebrew Narrative*, publicado primeiramente em 2008, Luke Gärtner-Brereton sintetizou a tratativa dos cenários nos estudos do Antigo Testamento:

*É um tanto intrigante, no entanto, que discussões sérias sobre a função estrutural do “espaço” na narrativa hebraica parecem estar ausentes daquelas obras importantes que tratam da “arte narrativa”, “poética bíblica” e similares, que têm ocupado um lugar de destaque nos estudos contemporâneos da narrativa bíblica*¹¹.

⁴ BRANDÃO, Luis Alberto – *Teorias do espaço literário*. São Paulo: Perspectiva, 2013, p. 22-23, grifo nosso.

⁵ AGUIAR, Cristhiano – *Narrativas e espaços ficcionais: uma introdução*. São Paulo: Editora Mackenzie, 2017, p. 23.

⁶ Prefiro utilizar o termo “cenário” em lugar de “espaço”, o que farei daqui em diante.

⁷ BAR-EFRAT, Shimon – *Narrative Art in the Bible*. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1997, p. 195, tradução nossa, grifo nosso.

⁸ BAR-EFRAT, Shimon – *Narrative Art in the Bible*. Ob. cit., p. 196, tradução nossa, grifo nosso.

⁹ Edição original: *The art of biblical narrative*. New York: Basic Books, 1981. Em português: *A arte da narrativa bíblica*. Tradução de Vera Maria Pereira. São Paulo: Cia. das Letras, 2007.

¹⁰ Embora Bar-Efrat e Alter tratem do Antigo Testamento, de forma geral o que afirmam pode ser aplicado às narrativas do Novo Testamento.

¹¹ GÄRTNER-BRERETON, Luke – *The Ontology of Space in Biblical Hebrew Narrative*. London: Routledge,

Mark Allan Powell, em um manual sobre análise de narrativas do Novo Testamento¹², traz evolução ao quadro, separando um capítulo para a apresentação e discussão do cenário.

De modo mais específico, tratando do evangelho de Mateus, há pouco material sobre os cenários. Coletâneas e livros autorais destinados a expor as tendências nos estudos mateanos em sua maioria negligenciam o tema, como é o caso de *A gospel for a new people: studies in Matthew*, escrito por Graham N. Stanton e publicado em 1992¹³; *What are they saying about Matthew?*, de Donald Senior, lançado em 1996¹⁴; e de *The Gospel of Matthew in current study*, organizado por David E. Aune em 2001¹⁵.

Há exceções, no entanto. Abordando os cenários em Mateus incluem-se o livro editado por Graham N. Stanton em 1983¹⁶, *The interpretation of Matthew*, com um texto que discute a importância da geografia no capítulo dois do evangelho¹⁷; de Jack Dean Kingsbury, o livro *Matthew as Story*, de 1986, analisa os cenários do evangelho em duas páginas e meia¹⁸. Em 1996, Warren Carter, no livro *Matthew: Storyteller, Interpreter, Evangelist*, apresenta uma leitura literária do primeiro evangelho, na qual os cenários recebem um tratamento mais amplo, com 13 páginas¹⁹. E em 2014, no livro *Discovering Matthew: Content, Interpretation, Reception*, Ian Boxall tratou do tema no capítulo quatro, intitulado: Characters and Places in Matthew's Story²⁰.

No Brasil, que se saiba, ainda não há trabalhos que tratem especificamente dos cenários bíblicos, sejam do Antigo ou do Novo Testamento.

Diante da abordagem secundária aos cenários nos estudos da narrativa bíblica proponho, neste texto, analisar em um livro específico, o evangelho de Mateus, a configuração de um cenário particular, "a casa", e verificar sua contribuição para a construção e desenvolvimento do enredo.

2014, p. 36, tradução nossa.

¹² Cf. *What is Narrative Criticism?* Minneapolis: Fortress Press, 1990, p. 69-83.

¹³ *A gospel for a new people: studies in Matthew*. Louisville: Westminster; John Knox, 1992.

¹⁴ *What are they saying about Matthew?* Revised & expanded edition. New York: Paulist Press, 1996.

¹⁵ *The gospel of Matthew in current study: Studies in memory of William G. Thompson*. Grand Rapids: Eerdmans, 2001.

¹⁶ Neste artigo foi utilizada a 2ª. ed. de 1995.

¹⁷ De autoria de Krister Stendahl, *Quis et Unde? An Analysis of Matthew 1-2*. In STANTON, Graham N. (ed.). *The interpretation of Matthew*. 2a. ed. Edinburgh: T&T Clark, 1995 (Studies in New Testament Interpretation). p. 69-80. O artigo foi publicado originalmente em *Judentum, Urchristentum, Kirche*. Ed. W. Eltester, 1960, p. 94-105.

¹⁸ KINGSBURY, Jack Dean – *Matthew as Story*. Philadelphia: Fortress, 1986, p. 27-29.

¹⁹ CARTER, Warren – *Matthew: Storyteller, Interpreter, Evangelist*. Massachusetts: Hendrickson, 1996, p. 176-188.

²⁰ BOXALL, Ian – *Discovering Matthew: Content, Interpretation, Reception*. Grand Rapids: Eerdmans, 2014, p. 46-60.

Evangelho de Mateus: estrutura e abordagem historicista

No debate sobre a estrutura do evangelho de Mateus, uma das propostas mais antigas baseia-se em aspectos geográficos e cronológicos, com destaque para a Galileia e para Jerusalém²¹. Testemunha disso é a síntese feita pelos comentaristas W. D. Davies e Dale C. Allison Jr.:

*O fato incontestável sobre a estrutura de Mateus é este: as porções narrativas do evangelho possuem uma sequência cronológica rudimentar – nascimento, batismo, ministério na Galileia, viagem para Jerusalém, paixão, ressurreição –, e no interior dessa sequência foram inseridas grandes seções de material didático. Infelizmente essa certeza não nos leva muito longe*²².

Embora a geografia, e com ela os cenários, ocupe papel de destaque na organização do evangelho, ao mesmo tempo sua generalidade – Galileia e Jerusalém – indica a fragilidade e a falta de protagonismo que desempenha no evangelho, conforme se percebe na proposta de estruturação apresentada acima, que é compartilhada pela maioria dos comentaristas do evangelho de Mateus.

Mesmo quando a geografia recebe destaque, ele se dá em perspectiva histórica, procurando situar locais e cenários por onde o Jesus histórico e seus discípulos teriam caminhado durante o ministério do mestre. A análise de cenários, que busca identificar em perspectiva literária a participação desse elemento no desenvolvimento do enredo, pouco atrai a atenção dos biblistas²³.

O olhar historicista para os cenários evangélicos, e de Mateus em particular, pode ser observado no tratamento dado à "casa". O exegeta alemão Georg Strecker, ao comparar o uso do termo pelos evangelistas Mateus e Marcos, destaca:

Outro exemplo de historicização da tradição no evangelho de Mateus pode ser tomado a partir de conceitos geográficos. Se compararmos Mateus e Marcos sobre a ideia de "casa" na qual Jesus permanece, é evidente que em Marcos encontramos um sentido topológico. O conceito de "casa" é parte da teoria do messianismo secreto e refere-se ao lugar da revelação, que é separada do público; aqui, a unidade paradoxal

²¹ Cf. BAUER, David R. – *The Structure of Matthew's Gospel: A Study in Literary Design*. Sheffield: Almond Press, 1989 (Journal for the Study of the New Testament Supplement Series, n. 31), p. 22-26.

²² DAVIES, W. D.; ALLISON JR., Dale C – *The Gospel According to Saint Matthew*. Edinburgh: T & T Clark Ltd. vol. 1, 1988 (The International Critical Commentary), p. 58-59, tradução e grifo nossos.

²³ Corrobora com essa afirmação o tratamento dado à Galileia no evangelho de Mateus por Sean Freyne em seu livro: *A Galiléia, Jesus e os evangelhos: Enfoques literários e investigações históricas*. Tradução de Tim Noble. São Paulo: Edições Loyola, 1996 (Coleção Bíblica Loyola, n. 18).

*do messianismo revelado e oculto de Jesus torna-se claro. Dessa forma, de acordo com essa ideia presente no evangelho de Marcos, a "casa" não é fixada geograficamente; ela pode ser encontrada em qualquer lugar em que a atividade revelatória de Jesus requeira. Em Mateus, contudo, a situação é diferente. Pelo modo como ele escolhe e enquadra as passagens marcadas, Mateus mostra que **ele entendia o tema primariamente em termos de geografia** mais do que de topologia. A "casa" é localizada em certo lugar na região da Palestina – Cafarnaum. Isso corresponde ao fato que somente Mateus designa Cafarnaum como a "cidade própria" de Jesus (9:1), e apenas ele pode falar de Jesus morando em Cafarnaum (4.13). Isso significa que a ideia originalmente topológica tornou-se geograficamente limitada*²⁴.

Segundo Strecker, Mateus, ao situar a "casa" geograficamente, propõe que o cenário deixe de participar de análises teológicas, como ocorre no evangelho de Marcos. Se neste a "casa" é o lugar da revelação messiânica de Jesus²⁵, ou seja, é um espaço teologizado, em Mateus é apenas um dado histórico e geográfico a respeito do lugar onde Jesus residiu.

O que segue pretende refutar a categorização da "casa" como um cenário meramente histórico e geográfico, conforme Strecker, propondo, em seu lugar, a partir da averiguação da presença do termo no evangelho de Mateus, a análise literária e a identificação de sua participação na construção do enredo do evangelho.

Cenário como elemento literário ficionalizado

Começemos a pensar nos cenários de forma mais geral. Nesse sentido, os níveis de sua presença nas narrativas variam, *do nível mais básico ao mais profundo*. No *básico* temos a apresentação de cenários onde personagens atuam, tendo um nível topográfico estável (Galileia, Cafarnaum, Jerusalém, o caminho). A exegese em geral enfatiza esse aspecto. *No nível intermediário das funções narrativas*, os cenários constituem locais em que os personagens experimentam alegria, tristeza, acolhimento, hostilidade, espaços de difícil ou fácil acesso, locais de bênção ou de sofrimento. Nesse caso, os cenários operam como símbolos e cooperam com a criação de sentidos. Por fim, *no nível mais profundo dos papéis narrativos*, os cenários atuam como personagens. Podem, por

²⁴ STRECKER, Georg – *The Concept of History in Matthew*. In STANTON, Graham (Ed.). *The Interpretation of Matthew*. 2. ed. Edinburgh: T&T Clark, 1995, p. 85-86, tradução nossa, grifo nosso. Texto publicado originalmente como *Das Geschichtsverständnis des Matthäus*. *Evangelische Theologie*, n. 26, p. 57-74, 1966.

²⁵ Cf. a importância atribuída à casa, do ponto de vista teológico e da organização dos primeiros oito capítulos do evangelho de Marcos, no comentário de Sebastião Armando Gameleira Soares e João Luiz Correia Júnior – *Evangelho de Marcos*. v. 1: Refazer a casa. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 20-26.

exemplo, oporem-se a Jesus Cristo, como o faz o mar revolto da Galileia (Mt 8.23-27).

Franz Karl Stanzel vincula de modo íntimo a relação entre cenário e foco narrativo e analisa como as variações dessa relação afetam o entendimento do leitor. Embora complexa, sua teoria é útil.

Para Stanzel:

*O espaço narrativo, como Roman Ingarden mostrou, é sempre uma "estrutura esquemática" que é apenas parcialmente determinada. Ele contém muitas "áreas de indeterminação" que estão em branco, à espera do leitor. Sua realização ou "concretização" é deixada em grande medida para a imaginação do leitor. É precisamente no caso da perspectivação espacial de uma cena narrativa que tais áreas indeterminadas são muito numerosas*²⁶.

O teórico alemão destaca a incompletude da construção dos cenários como um elemento que propõe comunicação com o leitor. Nesse caso, lembra que "Em uma narrativa literária é precisamente a redução e seleção de detalhes que afetam seu aprimoramento semiótico"²⁷. Portanto, em oposição à perspectiva exegética historicista, deve-se dar atenção às variações de construção dos cenários como mecanismos de comunicação narrativa.

Há, também, segundo o autor, uma relação entre cenário e foco narrativo que é determinada pela "perspectiva" com a qual a mediação entre cenário e leitor é construída. Ela "[...] envolve um processo de controle da percepção do leitor que direciona a imagem que construirá da realidade ficcional"²⁸. Nesse sentido, há a "perspectiva interna" colocada em ação pelo narrador personagem, e a "perspectiva externa", que se dá a partir de um narrador autoral, em 3ª. pessoa²⁹.

Embora para Stanzel a perspectiva interna esteja mais próxima da perspectivação espacial, e na perspectiva externa, ligada ao narrador autoral (3ª. pessoa) onisciente, haja pouco espaço para a imaginação criativa do leitor entrar em ação³⁰, penso que as estratégias escolhidas pelo narrador autoral, que possui e exerce o poder de escolher, apresentar e omitir dados na narrativa, também constituem espaços comunicativos visando construir sentidos que convocarão o leitor como parceiro.

²⁶ STANZEL, Franz Karl – *A Theory of Narrative*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986, p. 116, tradução nossa.

²⁷ STANZEL, Franz Karl – *A Theory of Narrative*. Ob. cit., p. 119, tradução nossa.

²⁸ STANZEL, Franz Karl – *A Theory of Narrative*. Ob. cit., p. 111, tradução nossa.

²⁹ STANZEL, Franz Karl – *A Theory of Narrative*. Ob. cit., p. 112-113, tradução nossa.

³⁰ Cf. STANZEL, Franz Karl – *A Theory of Narrative*. Ob. cit., p. 113.

Roland Barthes contribui para a discussão com o conceito de “efeito de real”. Entre outras coisas, ele analisa a não funcionalidade de elementos narrativos na ficção, pelo menos a não contribuição ao efeito estético, à apresentação do “belo”, de modo particular em uma cena de Flaubert³¹. Barthes os intitula de “notação insignificante”³².

Para ele, uma razão para tal utilização, a que nos interessa neste momento, diz respeito à busca do efeito realista na narrativa que, embora não seja preponderante em textos ficcionais como os romances, visa atribuir senso de realidade à descrição ou cenário. O objetivo é que relate “aquilo que se passou realmente”: que importa então a infuncionalidade de um pormenor, desde que denote ‘aquilo que se deu’; o ‘real concreto’ torna-se a justificativa suficiente do dizer”³³.

Tomando a proposição de Barthes em sentido oposto, poderíamos dizer que se o “efeito de real” busca, por meio de detalhes considerados secundários ou supérfluos, imprimir uma marca de realidade à narrativa, a ausência deste aspecto, que produz uma narrativa desbastada, isenta de detalhes, seria movida por outro desejo, o de lançar-se para além da marcação histórica, para a ficcionalização. Tal procedimento implicaria o desejo de dizer algo mais do que foi dito, o que, para Stanzel, indicaria uma proposta de diálogo com o leitor para que o sentido se complete nele.

O que segue desenvolve-se a partir dessa percepção. O cenário escolhido para análise, a “casa” no evangelho de Mateus, deve ser interpretado como um cenário que, em seu não detalhamento e em sua apresentação discreta e minimalista, propõe ao leitor sentidos para além daqueles estabelecidos materialmente.

“Casa” no evangelho de Mateus

O cenário “casa” (*oikos/oikia*³⁴, em grego³⁵) foi escolhido para análise em

³¹ Cf. FLAUBERT, G. – Un coeur simple. In *Trois Contes*. Paris: Charpentier-Fasquelle, 1983, p. 4.

³² BARTHES, Roland – *O rumor da língua*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p. 183.

³³ BARTHES, Roland – *O rumor da língua*. Ob. cit., p. 188.

³⁴ Os termos são sinônimos, como informa Goetzmann: “Originalmente, havia diferenciação entre as duas palavras quanto ao seu significado, sendo que *oikia* denotava o lugar da moradia, e *oikos* a ‘casa’ inteira, com as dependências, os bens da família, e até os habitantes da casa [...] Mais tarde, particularmente depois da LXX, as distinções não se mantinham, e as palavras eram empregadas como sinônimos [...] No NT, *oikos* e *oikia*, que são virtualmente sinônimos, têm a mesma gama de sentidos como no Gr. secular e na LXX”. GOETZMANN, J – *Casa, Edificar, Administrador, Mordomo*. In BROWN, Colin (ed. geral). *O Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. vol. I: A-D. São Paulo: Vida Nova, 1981, p. 365-366, grifo do autor.

³⁵ As citações do texto grego foram retiradas de *O Novo Testamento Grego*. 5. ed. rev. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft; Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2018. Quando não é especificada a fonte da tradução do texto bíblico para o português, ela segue a Bíblia, Novo Testamento: os quatro evangelhos. Tradução do grego, apresentação e notas por Frederico Lourenço. São Paulo, Cia. das Letras, 2017; e Bíblia, Novo Testamento:

função da ênfase teológica atribuída a ele em Marcos em detrimento de sua manifestação em Mateus, segundo Strecker. Pergunta-se se tal proposição pode ser assumida como correta.

Nos evangelhos de Marcos e Mateus os termos apresentação as seguintes ocorrências: *oikos* (Marcos: 12 v; Mateus 10 v); *oikia* (Marcos: 15 v; Mateus: 25 v). Somadas as presenças de *oikos* e *oikia* nos dois evangelhos, temos o total de menções: em Marcos, 27; e em Mateus 35.

Esses números, embora não sejam definidores em si mesmos, indicam que "casa" é um cenário mais frequente em Mateus³⁶ do que em Marcos. Excluindo textos com sentido meramente ilustrativo³⁷ e outros onde "casa" não constitui

Apóstolos, Epístolas, Apocalipse. Tradução do grego, apresentação e notas por Frederico Lourenço. São Paulo, Cia. das Letras, 2018.

- ³⁶ Cito, a seguir, as ocorrências e localizações do termo "casa" (*oikos/oikia*) no evangelho de Mateus:
- *casa* em Belém: lugar do nascimento de Jesus e de sua adoração pelos magos (2.11. Exclusivo de Mt.);
 - candeia em cima do candelabro e brilha para todos os que estão dentro da *casa* (5.15. O texto grego de Mc 4.21 não cita a "casa", embora em sua tradução Frederico Lourenço acrescente a palavra entre colchetes);
 - *casa* construída sobre a rocha e sobre a areia (7.24, 25, 26, 27. Fonte Q);
 - *casa* do centurião onde há um escravo doente (8.6. Fonte Q). Embora o texto apresente a palavra "rapaz", na nota a 8,6 Lourenço indica sua opção em considerá-lo escravo (cf. BÍBLIA, Novo Testamento: os quatro evangelhos. Ob. cit., p. 86).
 - *casa* de Pedro onde se encontra doente sua sogra (8.14. Texto de Mc.);
 - *casa* para onde se dirige o paralítico após ser curado por Jesus (9.6, 7. Texto de Mc.);
 - *casa* em Cafarnaum (9.10. Cf. 9.1. Mc 2.15 registra que é a casa de Levi);
 - *casa* do chefe (9.23. Omite que é o chefe da "sinagoga" – Mc 5.35);
 - *casa* (9.27. Exclusivo de Mt. Por razão não explicada, Lourenço desloca a primeira metade de 9.28 para 9.27. No texto grego e em outras versões bíblicas, "casa" consta em 9.28);
 - *casa* de Israel (10.6 – ovelhas perdidas. Exclusivo de Mt.);
 - entrar e sair da *casa* (10.12, 13, 14. Texto de Mc.);
 - palácios dos reis (*oikoi ton basileon* - 11.8. *oikos*, que é normalmente traduzido como "casa", neste texto recebe de Lourenço a tradução de "palácios". Mateus altera a Fonte Q em relação a Lc 7.25 que traz *basileiois* = palácios reais);
 - *casa* de Deus (12.4. Texto de Mc.);
 - *casa* dividida (12.25. Texto de Mc.);
 - entrar na *casa* de um homem forte (12.29 [2 v]. Texto de Mc.);
 - voltarei para minha *casa* (12.44 – demônio. Fonte Q);
 - saindo Jesus de *casa* (13.1. Mc. não fala da "casa");
 - Jesus foi para *casa* (13.36. Exclusivo de Mt.);
 - profeta desonrado na sua *casa* (13.57. Texto de Mc.);
 - Jesus enviado às ovelhas perdidas da *casa* de Israel (15.24. Em Mc 7.24-30 não consta este versículo);
 - e chegando a *casa* (17.25. Exclusivo de Mt.);
 - todo aquele que deixou *casas* (19.29. Texto de Mc.);
 - *casa* de oração (21.13 [2 v]. Texto de Mc.);
 - a vossa *casa* ficará deserta (23.38. Fonte Q);
 - quem estiver no cirado não desça para levar as coisas de sua *casa* (24.17. Texto de Mc.);
 - se soubesse o dono da *casa* a que horas viria o ladrão [...] não teria deixado que assaltasse a sua *casa* (24.43 [2 v]. Fonte Q. Cf. Lc 12.39);
 - na *casa* de Simão, o leproso (26.6. Texto de Mc.).
- ³⁷ Como é o caso de Mt 12.25: "Todo reino dividido contra si próprio ficará deserto e toda cidade ou casa dividida não permanecerá" (grifo nosso), em que Jesus se defende da acusação dos fariseus de expulsar demônios com o poder do próprio diabo por meio da ilustração da casa dividida.

um cenário³⁸, temos a composição de três blocos:

- casa de Pedro (8.14; 17.25);
- casas de pessoas mencionadas apenas uma vez no evangelho: centurião (8.5-6); ex-paralítico (9.6-7); chefe (9.23); Simão, o leproso (26.6);
- casas sem indicação clara de posse³⁹ (2.11; 9.10,28; 13.1,36).

Analisando a casa, agora em sua relação com Jesus, podemos concluir que ele é adorado em uma casa sem que seus moradores sejam identificados (2.11) e homenageado na casa de Simão, o leproso (26.6); ele cura o escravo do centurião⁴⁰ (8.5-13) e a sogra de Pedro (8.14-15) em suas casas e ressuscita a filha do chefe dentro de casa (9.23-25); ele cura (9.28-30) e expulsa demônios (9.31-33⁴¹) em casas sem que se mencione seus moradores, e envia para casa o ex-paralítico após curá-lo (9.1-7). Por fim, Jesus é confrontado, defende-se e exerce seu ministério de ensino em casas sem que sejam explicitados seus habitantes (9.10-13,14-17⁴² e 9.33⁴³; 13.1, 36) e também na casa de Pedro (17.24-27).

Warren Carter sintetiza as menções à casa no evangelho de Mateus:

A maioria das ações do ministério de Jesus ocorreu em casas. Ela é um lugar de adoração (2:11), cura (8:14-15; 9:28), ressurreição de mortos (9:23), refeição com estranhos como uma demonstração da misericórdia inclusiva (9:10), conflito (9:1-8, 11), revelação de sua missão (9:12-13), ensino (13:36) e refeição (13:57)⁴⁴.

O autor avalia que os leitores/ouvintes do evangelho chegarão a uma compreensão teológica das ações de Jesus nas casas, de forma que "A audiência

³⁸ Como em Mt 15.24: "Não fui enviado senão às ovelhas perdidas da *casa* de Israel" (grifo nosso), onde "casa de Israel" se refere ao "povo de Israel".

³⁹ Optei em reconhecer que o evangelho de Mateus não apresenta claramente a posse de uma casa por Jesus. Há discussão entre os exegetas a respeito da identificação ou não da casa onde Jesus teria vivido no evangelho de Mateus. A primeira menção à casa é vaga (2.11), e as citações de 9.10, 28; 13.1, 36, cuja localização provavelmente é Cafarnaum, permitem a opção pela casa de Pedro, que se situava na cidade (8.14, cf. 8.5). Pode-se também pensar tratar-se da casa de Jesus, uma vez que 4.13 indica que ele residia (ou residiu) em Cafarnaum. Portanto, as referências à presença de Jesus em casa nessa cidade poderiam indicar sua própria residência, ou, então, conforme a opção seguida neste texto, simplesmente reconhecer que não é possível identificar no evangelho de Mateus a posse de uma casa por Jesus. Cf. a esse respeito os dados apresentados por Davies e Allison Jr. – *The Gospel According to Saint Matthew*. Edinburgh: T & T Clark Ltd. vol. 2, 1991, p. 99-100.

⁴⁰ Neste caso a cura foi à distância. Cf. 8.6-8,13.

⁴¹ Embora 9.31-33 não receba indicação objetiva de cenário, contextualmente parece claro que a ação de cura se dá no mesmo local de 9.27-30, ou seja, em uma casa.

⁴² Assim como na nota anterior, embora o texto não mencione explicitamente a casa como seu cenário, a conexão com a cena imediatamente anterior (9.10-13) se dá sem indicação de alteração de espaço.

⁴³ O texto já mencionado, 9.31-33, apresenta a cura do endemoninhado e a reação dos fariseus em oposição a Jesus.

⁴⁴ CARTER, Warren – *Matthew: Storyteller, Interpreter, Evangelist*. Massachusetts: Hendrickson, 1996, p. 180-181, tradução nossa.

compreende que a casa é mais do que um cenário sem importância. As ações realizadas nas casas refletem a presença salvadora do reino de Deus que permeia a vida cotidiana⁴⁵. Para ele, a temática básica da "casa" no evangelho de Mateus é o reconhecimento de que Jesus é o Messias. Nela ele ensina e opera maravilhas.

Mesmo que a "casa" receba destaque, como indica Carter, do ponto de vista da análise exegética e teológica ela ocupa o primeiro e mais básico nível de descrição de cenários, indicando tão somente locais geográficos onde demonstrações da presença do reino dos céus ocorrem na pessoa de Jesus Cristo.

Cabe afirmar que, do ponto de vista da análise exegético-teológica, a conclusão de Strecker, anteriormente mencionada, está correta. Os cenários em Mateus apenas indicariam locais onde eventos ocorrem.

Por outro lado, checar a ocorrência da "casa" no evangelho de Mateus de um ponto de vista literário e ficcional permite que se chegue a outra conclusão. O evangelho apresenta um narrador em 3ª. pessoa onisciente, portanto, com perspectiva externa e objetiva de descrição de cenários. Tal ponto de vista, associado à falta de elaborações cenográficas, conduz o leitor à reflexão sobre a relação do cenário com o processo narrativo, ou seja, conduz à pergunta a respeito da contribuição que o cenário traz à narrativa como um todo. Nesse sentido, a "casa" participa do *nível intermediário das funções narrativas*. Ela é o lugar onde personagens vivenciam experiências ou experimentam sensações. Mais do que isso, a "casa" participa da construção de sentidos no texto.

Passo agora a identificar como o processo ocorre no desenvolvimento do evangelho de Mateus. Para tanto, utilizaremos a identificação anterior de três blocos de sentido relativos à "casa" e da conexão entre eles por meio da ação de Jesus nesse espaço.

A primeira e a última referência à presença de Jesus Cristo em uma casa apresentam a mesma ação, não de Jesus, mas de pessoas em sua presença. Ele é adorado (verbo *proskyneō*⁴⁶) como rei pelos magos em uma casa em Belém (2.11). E na casa de Simão, em Betânia (26.6), uma mulher derrama um perfume precioso sobre sua cabeça, ato que pode ser interpretado como uma forma de unção, destacando a importância atribuída a Jesus como convidado especial e também como reconhecimento de que ele é rei⁴⁷. A possível alusão

⁴⁵ CARTER, Warren – *Matthew: Storyteller, Interpreter, Evangelist*. Ob. cit., p. 181, tradução nossa.

⁴⁶ Para Ulrich Luz: "a palavra *προσκυνέω* designa a adoração mediante o gesto de prostração em terra, adoração que na concepção grega se atribuía aos deuses e, segundo a mentalidade oriental, também a homens eminentes, sobretudo reis". LÜZ, Ulrich – *El evangelio segun san Mateo*. Mt 1-7. vol. I. Salamanca: Sigueme, 1993, p. 166, tradução nossa. O fato dos magos irem a Jerusalém procurar o "recém-nascido Rei dos judeus" com o desejo de "adorá-lo" (*proskyneō* - Mt 2.2), e, ao encontrá-lo, o adorem, indica que julgaram ser Jesus o rei que procuravam.

⁴⁷ Warren Carter enfatiza o reconhecimento real de Jesus pela mulher. CARTER, Warren – *O evangelho de São Mateus: comentário sociopolítico e religioso a partir das margens*. São Paulo: Paulus, 2002, p. 622. Charles Talbert,

a Jesus como rei colocaria este texto em relação com 2.11, o recebimento da adoração como rei por parte dos magos. O caráter distintivo em 26.7 é que o próprio Jesus afirma que tal unção o prepara para a morte (26.12). Teríamos, nesse caso, a adoração do rei no capítulo dois introduzindo-o no cenário do evangelho, e a unção no capítulo 26 indicando que o rei deveria morrer, sentido desenvolvido nos últimos capítulos de Mateus.

É digno de nota o fato de a casa, como espaço do reconhecimento e adoração de Jesus, iniciar e concluir o evangelho. Tal estratégia narrativa dá o tom pelo qual as demais referências a esse cenário deverão ser interpretadas. Todas as ações praticadas na casa necessitam, de alguma forma, iniciar, encaminhar para e concluir com a atribuição de importância a Jesus. Essa é a função literária exercida pela casa em seu papel estruturador da dinâmica narrativa.

O próximo texto é 8.6, seguido por 8.14, visto que ambos estão no mesmo contexto, a presença de Jesus na cidade de Cafarnaum. Temos aqui a primeira manifestação de Jesus, como adulto, em casas. Em ambos os textos a casa é identificada como lugar onde estão pessoas doentes. Ela é o cenário em que se manifesta o sofrimento físico. Em 8.6 vemos um paralítico, pelo qual o centurião romano, seu senhor, intercede diante de Jesus (8.6-8). Em 8.14, a sogra de Pedro é curada de uma febre ardente logo que Jesus chega à sua casa.

Em 8.5-13 temos um oficial romano, representante dos exércitos cuja força e poder sustentam a presença de Roma na Palestina. Em 8.14-15, uma mulher, gênero tratado como inferior pelos homens no mundo judaico e em sua religião⁴⁸. A casa se constitui no lugar onde Jesus Cristo atende e cura pessoas menosprezadas pelo judaísmo da época.

Na sequência, a cena de um paralítico curado por Jesus e enviado para casa (9.6-7) continua a temática. À semelhança de 8.6-8, que apresenta o servo que é curado em casa, mas o centurião, assim como Jesus, fora dela, neste texto aquele que recebe a cura também está ausente de sua casa. Em outro sentido, diferentemente da cura do servo do centurião, Jesus cura diretamente o paralítico, o que aproxima da cura da sogra de Pedro (8.14-15). As três curas estão relacionadas pelo fato de haver entre o que é curado e Jesus o papel mediador do centurião, de Pedro (a sogra está em sua casa) e das pessoas que

por sua vez, opta pela homenagem a Jesus como convidado especial. TALBERT, Charles H. – *Matthew*. Grand Rapids: Baker Academic, 2010, p. 286. Já Ulrich Luz simplesmente afirma não ser possível definir com exatidão o sentido do ato da mulher. LUZ, Ulrich – *El evangelio segun san Mateo*. Mt 26-28. vol. IV. Salamanca: Sigueme, 2005, p. 110-112.

⁴⁸ “Em termos gerais, Jesus viveu em um contexto sociocultural (o contexto judaico e o contexto maior da sociedade greco-romana) no qual a visão masculina a respeito da mulher era usualmente negativa, entendendo-se que o papel feminino estava limitado em sua maior parte aos deveres domésticos de esposa e mãe”. SCHOLER, D. M – *Women*. In GREEN, Joel B.; MCKNIGHT, Scot (ed.). *Dictionary of Jesus and the Gospels*. Downers Grove: Intervarsity Press, 1992, p. 880.

trazem o paralítico até ele (9.2).

Em 9.10 Jesus está novamente na casa, sem que o narrador nos indique a quem ela pertence⁴⁹. Há grupos variados ali. Discípulos, publicanos, pecadores e fariseus. Combinação explosiva, visto que os fariseus, que foram acusados por João Batista de não se arrependerem e de se julgarem orgulhosos por descenderem de Abraão (3.2,7-9), cultivavam uma religião de exclusão. Eles não aceitam que publicanos, coletores de impostos a serviço do invasor romano e pecadores, pessoas que não seguiam estritamente as leis judaicas, comam com Jesus (9.11), visto que estar à mesa com outra pessoa indicava aceitação e parceria.

Jesus reage, afirmando que veio para os necessitados e que sua missão é chamar pecadores ao arrependimento (9.12-13). Dessa forma, ele destaca a disposição de publicanos e pecadores de aceitarem seu chamado, real motivo de seu ministério (4.17). Isso se dá na casa, que é configurada como espaço tanto de acolhimento de pessoas rejeitadas pelo judaísmo, como de questionamento das ações de Jesus por fariseus.

A sequência, ainda na casa (9.14-17)⁵⁰, expõe outro momento de questionamento, mesmo que sem a intensidade do anterior, no qual discípulos de João Batista perguntam a Jesus a respeito da prática do jejum. Por meio das ilustrações sobre a presença do noivo no casamento e da inadequação do remendo com pano novo em veste velha, e do vinho novo colocado em odres velhos, Jesus orienta os discípulos de João a respeito do novo tempo inaugurado com sua vinda ao mundo, no qual a alegria se sobrepõe a tudo (9.16-17).

Continuando no contexto da casa, um "chefe" (*arxon*), termo que pode ser traduzido também por "líder, senhor, autoridade"⁵¹, aproxima-se de Jesus e pede que ele ressuscite sua filha que acabou de morrer (9.18). Embora não se possa definir que tipo de autoridade era exercida pelo homem⁵² – o narrador intencionalmente o apresenta de forma vaga – é provável que seu status seja uma estratégia para contrastar com a mulher que na sequência procura Jesus por sofrer de hemorragia (9.20), o que a tornava religiosamente impura e a impedia do convívio social (cf. Lv 15.19-33).

⁴⁹ Cf. nota n. 39.

⁵⁰ Cf. nota n. 42.

⁵¹ GINGRICH, F. Wilbur; DANKER, Frederick W – *Léxico do Novo Testamento Grego/Português*. São Paulo: Vida Nova, 1984, p. 35.

⁵² Os comentaristas divergem a respeito de sua origem. Seguindo Mc 5.22, texto base para Mateus, Davies e Allison Jr. – *The Gospel According to Saint Matthew*, v. 2. Ob. cit., p. 125-126 e Donald A. Hagner – *Matthew 1-13*. Dallas: Word Books, 1993, p. 248 definem *arxon* como "chefe da sinagoga". A partir do sentido vago do termo *arxon* e a postura crítica de Jesus frente à sinagoga, Robert H. Gundry – *Matthew: A Commentary on His Literary and Theological Art*. Grand Rapids: Eerdmans, 1982, p. 172, Luz – *El evangelio segun san Mateo*. Mt 8-17. vol. II. Salamanca: Sigueme, 2001, p. 82 e Carter – *O evangelho de São Mateus*. comentário sociopolítico e religioso a partir das margens. Ob. cit., p. 295 optam pela não identificação do homem, considerando-o apenas como alguém importante, influente. Prefiro a segunda opção.

Jesus atende ao pedido e vai até a casa do homem (9.23). Ali chegando, apesar da incredulidade dos presentes (9.24), ressuscita sua filha (9.25). Além da própria ressurreição de Jesus (28.6, 9), esta é a única ressurreição registrada no evangelho de Mateus. E ela foi operada por Jesus em uma casa.

A última menção explícita à casa está em 9.27, no contexto da cena compreendida pelos versículos 27 a 30. Dois cegos vão a Jesus e clamam: "Tem pena de nós, filho de Davi" (v. 27). Ele entra em casa, sendo seguido pelos dois cegos e, antes que se manifestem, pergunta a eles: "Acreditais [*pisteuete*] que eu consigo [*dunamai*, "tenho poder"] fazer isso?". Diante da resposta positiva, Jesus toca seus olhos e os cura (v. 28). A casa se constitui, então, não apenas em lugar da cura, mas também do exercício da fé.

Ainda na casa, Jesus recebe um mudo endemoninhado (9.31). Após a expulsão do demônio e do retorno da fala ao homem, as pessoas que testemunham o ocorrido ficam admiradas (v. 32). Entretanto, os fariseus concluem que Jesus o faz com o poder do "príncipe (*arxon*⁵³, "líder, senhor, autoridade") dos demônios" (v. 33), isto é, pelo poder de Satanás. Esta última ação no interior de uma casa assume importância, visto que no início do bloco dos capítulos 8 e 9 já houve uma reação negativa dos escribas diante do perdão de pecados concedido por Jesus (9.2-3). Agora, ao final, outra ação de confronto, na casa, revela que os religiosos judeus começam a apertar o cerco em torno de Jesus, e o fazem no cenário da casa. Com esta cena termina o ciclo de ações de Jesus em casas no bloco constituído pelos capítulos 8 e 9.

É importante situar os textos analisados na sequência imediata ao Sermão do Monte (capítulos 5-7), quando Jesus ensinou seus discípulos e a multidão que o seguia (5.1-2). Ao final do sermão (7.28-29), as multidões estavam maravilhadas com seu ensino, pois o fez "como tendo autoridade" (*exousia*). No bloco seguinte, capítulos 8 e 9, *exousia* retorna nas curas do servo do centurião e na do paralítico. O centurião, argumentando que Jesus não necessitava ir à sua casa para curar o servo, afirma: "Pois também eu sou alguém debaixo de 'autoridade'" (*exousia*, 8.9). E o narrador expressa a reação de assombro das multidões diante da cura do paralítico, "[...] glorificaram a Deus, que dera uma tal 'autoridade' [*exousia*] aos seres humanos" (9.8).

No contexto da estratégia narrativa presente no evangelho, há uma união entre o ensino poderoso de Jesus e a demonstração concreta desse poder na cura de pessoas. Essa evidência está ligada à "casa", lugar onde o ensino de Jesus é presenciado de forma prática e onde pessoas são curadas por seu poder e desafiadas ao exercício da fé nele.

A próxima menção à casa está em 13.1 e 36. O primeiro versículo merece

⁵³ O termo já apareceu em 9.18 referindo-se ao homem que procura Jesus para que ressuscite sua filha.

atenção, pois a expressão “[...] saindo Jesus de casa [...]” revela que a narrativa anterior ocorreu dentro de uma residência. Cabe, então, analisá-la.

Mt 12.46-50 situa-se em um fluxo narrativo solto, sem grandes conexões entre as cenas. Na realidade, o início do texto implica uma interrupção da fala de Jesus registrada nos versículos anteriores: “Falando ele ainda para as multidões, eis que a mãe e os irmãos dele [...]” (12.46). Uma pista de que Jesus estava no interior de uma casa, que é confirmada em 13.1, é a expressão: “[...] eis que a mãe e os irmãos dele estavam *lá fora* [...]” (12.46, grifo nosso). Eles estavam do lado de fora da casa. O narrador relata que chega a Jesus a informação de que seus familiares estão fora e querem falar com ele (12.46-47). A resposta de Jesus surge em uma pergunta, seguida de uma afirmação por ele mesmo: “Quem é minha mãe e quem são meus irmãos? E, estendendo a sua mão por cima dos seus discípulos, disse: Eis a minha mãe e os meus irmãos. Pois quem fizer a vontade de meu Pai, do que [está] nos céus, esse mesmo é meu irmão e irmã e mãe” (12.48-50).

Dentro de casa, falando a seus seguidores, Jesus redefine a família cristã. Os laços de amor a Jesus e de comprometimento com seus ensinamentos criam vínculos que unem os discípulos a Jesus Cristo. Eles formam uma família. E esta está dentro da casa, e não fora.

Após proferir várias parábolas, “[...] mandando as multidões embora, foi Jesus para casa [...]” (13.36). Ali, ele é questionado pelos discípulos sobre a parábola do joio no campo, que havia contado anteriormente (13.24-30). Jesus não apenas explica a parábola, que se refere à ação de Deus na História, assim como à ação do Diabo e o final dos tempos, quando Deus punirá os iníquos e recompensará os justos, como apresenta outras (13.44-50). Somente em 13.53 é dito que Jesus termina seu discurso e retira-se dali, isto é, sai da casa (13.53). As parábolas ilustram como se define e como age o reino dos céus (13.44, 45, 47). A casa é instituída em espaço de instrução a respeito da ação de Deus no mundo e entre seus discípulos.

Última referência à casa enquanto espaço de significação para o ensino de Jesus se encontra em 17.24-27. Pedro é questionado a respeito do pagamento do “imposto do templo” (17.24). Esse imposto anual era pago pelos judeus para o sustento do Templo em Jerusalém. No entanto, com sua destruição, após o ano 70 d.C., tal imposto visava “[...] reconstruir e sustentar o templo de Júpiter Capitolino em Roma”⁵⁴.

Após Pedro responder positivamente, ao entrar em casa, Jesus se antecipa e esclarece o apóstolo (17.25). Faz uma pergunta inicial a respeito daqueles que

⁵⁴ CARTER Warren – *O evangelho de São Mateus: comentário sociopolítico e religioso a partir das margens*. Ob. cit., p. 450.

devem pagar impostos: dos seus próprios filhos ou dos estranhos (*allotrios* também pode ser traduzido como “estrangeiro”)? Pedro responde, acertadamente, que os estranhos. Portanto, os filhos, ou seja, os israelitas, não devem pagar o imposto para o seu próprio Templo: “Então os filhos estão isentos” (17.26), diz Jesus⁵⁵. Mas completa: “Mas para que não os escandalizemos, vai ao mar e joga o anzol e tira o primeiro peixe que nele cair; abrindo-lhe a boca, encontrarás um estáter. Toma-o e dá-o a eles por mim e por ti” (17.27).

O ensino na casa visa a preparar os seguidores de Jesus para se relacionarem com o estado judeu teocrático, no qual misturam-se preceitos religiosos e estatais com deveres em ambas as áreas, inclusive na vinculação do pagamento de impostos como obrigação religiosa.

Sintetizando o que foi apresentado até aqui, a casa, como cenário, aparece no início e no fim do evangelho de Mateus indicando a postura fundamental daqueles que nela estão em relação com Jesus: adoração e reverência. E no desenvolvimento do enredo constata-se a ênfase na casa como lugar de curas, ressurreição, acusação e defesa sobre a pessoa de Jesus e ensino deste aos seus seguidores.

No entanto, poderia ser argumentado que as ações efetuadas por Jesus na casa também se deram em outros cenários. Após a ressurreição, ele foi adorado pelos apóstolos no monte (28.17). Ao pé do monte, igualmente, ele curou um leproso (8.1-3). Na terra dos gádaros, à margem do Mar da Galileia, Jesus expulsou demônios de dois homens (8.28-32). Também à beira-mar ele ensinou as multidões e os discípulos (13.1-3). E Jesus discutiu com religiosos na sinagoga (12.9-14).

Portanto, a pergunta que surge é: qual a importância das ações que se deram no cenário “casa”? Ou, em outros termos, como tais situações identificam a casa como um espaço não apenas contextual ou circunstancial, mas como um elemento literário e ficcional que contribui para a construção de sentidos no evangelho?

A resposta surge de dois textos ainda não analisados por não apresentarem a casa como espaço de habitação, conforme as narrativas anteriores. O primeiro pode ser definido como uma parábola que utiliza a casa para ilustrar um tema, e o segundo simplesmente não faz referência à casa. A análise da relação entre os dois textos, entretanto, traz uma contribuição fundamental para a evolução da discussão.

O primeiro texto é 7.24-27⁵⁶. Os versículos compõem uma comparação ou

⁵⁵ Cf. LUZ – *El evangelio segun san Mateo*. Mt 8-17. vol. II. Ob. cit., p. 695-696.

⁵⁶ “v. 24. Todo aquele que ouve estas minhas palavras e as põe em prática será assemelhado a um homem sensato, que construiu a sua casa em cima da rocha [petra]. v. 25. E caiu a chuva e vieram os rios e sopraram os ventos e desabaram contra aquela casa, mas ela não ruuiu, pois tinha sido fundada sobre a rocha [petra]. v. 26. E todo aquele

parábola, na qual a pessoa que adere aos ensinamentos de Jesus, presentes no Sermão do Monte, é comparada a um homem que construiu uma casa sobre a rocha, assim como a que não retém tais ensinamentos é comparada ao homem que construiu uma casa sobre a areia. A lição a ser aprendida é que, assim como a casa construída sobre a rocha resiste às intempéries, todos quantos ouvem e vivenciam os ensinamentos de Jesus também resistirão aos problemas que sobrevirão a eles. Em contrapartida, a casa sobre a areia indica aqueles que não seguem os preceitos de Jesus, cujas vidas não resistem às crises, à semelhança dessa casa.

A questão que se coloca é se a casa seria apenas uma ilustração para enfatizar a postura adequada ou inadequada diante dos ensinamentos de Jesus Cristo ou se guardaria outro sentido. A resposta poderia ser a reafirmação do texto enquanto parábola ilustrativa do comportamento humano frente ao Sermão do Monte, não fosse a conexão que apresenta com outro texto, Mt 16.18⁵⁷, que mesmo não trazendo referência à casa, apresenta conexões terminológicas estreitas com 7.24-27.

Ao comentar 7.24-27, Howard Clarke fornece uma pista ao lembrar, em relação à rocha (*petra*⁵⁸), que "Mateus oferecerá a imagem mais famosa da rocha em 16:18"⁵⁹. Michael H. Crosby aponta que anteriormente John P. Meier já havia identificado a conexão entre os dois textos⁶⁰. De acordo com Meier:

[...] em 7:24 Mateus usa as mesmas palavras para "construir" e "pedra" que

que ouve estas minhas palavras e não as pôe em prática será assemelhado ao homem imbecil, que construiu a sua casa sobre a areia. v. 27. E caiu a chuva e vieram os rios e sopraram os ventos e embateram contra aquela casa; ela ruuiu e grande foi a sua ruína".

⁵⁷ "E eu digo-te que tu és Pedro [*petros*], e sobre esta pedra [*petra*] edificarei a minha assembleia [*ekklesiá*], e os portões do Hades não terão poder sobre ela". O termo *ekklesia* é traduzido por Frederico Lourenço por "assembleia" e não como "igreja". Embora não diretamente, em nota de rodapé ele justifica sua escolha: "Mateus é o único evangelista a empregar a palavra *ekklesiá* ('assembleia'; mais tarde 'igreja' – não esquecer que 'igreja' como edifício de pedra e cal é uma realidade que não existe antes do século IV). Uma das dificuldades dessa célebre passagem [...] centra-se no próprio anacronismo de *ekklesiá*, palavra que muitos comentadores têm dificuldade em admitir que pudesse ter sido dita pelo Jesus histórico, uma vez que a ideia da existência de uma 'assembleia' de cristãos pressupõe a morte e a ressurreição de Jesus". BÍBLIA, Novo Testamento: os quatro evangelhos. Ob. cit., p. 113.

⁵⁸ *Petra* pode ser traduzido tanto como "rocha" quanto como "pedra". GINGRICH, F. Wilbur; DANKER, Frederick W – *Léxico do Novo Testamento Grego/Português*. Ob. cit., p. 166.

⁵⁹ CLARKE, Howard – *The Gospel of Matthew and its Readers*. A Historical Introduction to the First Gospel. Bloomington: Indiana University Press, 2003, p. 94, tradução nossa. A importância desse texto está na afirmação de Jesus: "E eu digo-te que tu és Pedro [*petros*], e sobre esta pedra [*petra*] edificarei a minha assembleia [*ekklesiá*]", e a discussão a respeito da identificação da pedra sobre a qual a assembleia/Igreja seria edificada. Discussões exegéticas e teológicas propõem que seja Pedro, a afirmação de Pedro, ou o próprio Cristo, entre outras. Para maiores informações, cf. BOXALL, Ian – *Matthew Through the Centuries*. Hoboken, NJ: Wiley, 2019 (Wiley Blackwell Bible Commentaries), p. 249-254.

⁶⁰ CROSBY, Michael H – *House of Disciples: Church, Economics, and Justice in Matthew*. Eugene: Wipf & Stock, 1988, p. 50.

encontramos em 16:18⁶¹. De fato, os únicos dois versículos em todo o Novo Testamento onde "construir" (oikodomeo) e "pedra" (petra) são usados em combinação direta são Mateus 7.24 e 16.18⁶².

Graig A. Evans, discutindo a segunda parte de 16.18: "[...] e as portas do inferno não prevalecerão contra ela [Igreja]", afirma: "Pelo fato da igreja ser construída sobre a rocha, ela suportará o ataque (assim como a casa construída suporta a tempestade na parábola em Mt 7:24-27)"⁶³.

Portanto, os exegetas traçam importantes observações indicando que há ligações entre Mt 7.24-27 e 16.18 que merecem destaque. A rocha (*petra*) presente em ambas, o verbo edificar (*oikodomeo*), igualmente nos dois textos, e o resultado da construção sobre a rocha: a casa (*oikia*) e a igreja (*ekklesia*) não são destruídas. Pelo contrário, permanecem firmes. Surge, então, uma nova conexão a partir do que se edifica sobre a rocha: em 7.24-27, a casa; e em 16.18, a igreja. O vínculo entre "casa/igreja" precisa ser investigado.

Neste ponto é necessário destacar que no contexto dos primeiros leitores do evangelho, "casa" possuía um sentido mais amplo do que "habitação". Ela incluía não apenas a família nuclear – pais e filhos – mas uma relação mais ampla, conforme destaca Wayne A. MEEKS:

O chefe de uma casa era, pois, responsável – e esperava um grau correspondente de obediência – não só pela família imediata, mas também pelos seus escravos que agora se haviam tornado clientes, pelos trabalhadores assalariados e, às vezes, pelos associados ou colaboradores, conforme⁶⁴.

Esse grupo unia-se a partir de atividades familiares, sociais e profissionais na casa que envolviam graus de dependência e subordinação. Tal estruturação era central a ponto de constituir o fundamento da sociedade grego-romana na qual os primeiros cristãos estavam inseridos. Philip H. Towner indica esse aspecto:

A unidade básica da sociedade greco-romana na qual Paulo [e demais cristãos primitivos] viveu e ministrou era a casa (oikos, oikia). Sua importância era tal que se dizia que a estabilidade da cidade-estado dependia do modo como as casas eram administradas. Seu valor é visto no fato de que ela forneceu a estrutura e a definição

⁶¹ 7.24: "[...] pois tinha sido fundada [oikodomeo] sobre a rocha [petra]".

16.18: "[...] sobre esta pedra [petra] edificarei [oikodomeo] a minha assembleia [ekklesia]".

⁶² MEIER, John P – *The Vision of Matthew: Christ, Church and Morality in the First Gospel*. New York: Paulist Press, 1979, nota 110, p. 111, tradução nossa.

⁶³ EVANS, Graig A – *Matthew*. New York: Cambridge University Press, 2012, p. 314, tradução nossa.

⁶⁴ MEEKS, Wayne A – *Os primeiros cristãos urbanos: o mundo social do apóstolo Paulo*. São Paulo: Paulinas, 1992, p. 53.

*para as instituições políticas. O imperador era visto como pai e o Estado como sua casa*⁶⁵.

Crosby dá-nos um bom indicativo da importância da casa para o cristianismo nascente:

*O uso repetido do termo oikos (112 vezes) e oikia (94 vezes) no Novo Testamento indica a contextualização dos evangelhos e das epístolas em seu meio. Historicamente, "casa" e os termos relacionados a ela descrevem a origem e o contexto do movimento cristão. Religiosamente, o movimento originou-se e cresceu com a conversão de casas inteiras ou de indivíduos pertencentes a elas. Economicamente, a casa constituía o contexto para o compartilhamento de recursos entre cristãos, bem como para a ajuda aos carismáticos peregrinos. Socialmente, a casa provia a base prática e o modelo teórico para a estruturação do cristianismo bem como para sua pregação*⁶⁶.

Essa era a casa na qual a igreja primitiva se reunia. A casa era a própria igreja. Textos neotestamentários revelam esse aspecto de forma clara. As cartas paulinas, cronologicamente anteriores aos evangelhos, trazem a informação: "e [saudai] também a congregação [ekklesia] que se reúne na casa deles" (Rm 16.5, grifo nosso); "Saúdam-vos as congregações [ekkesiai] da Ásia. Áquila e Prisca, junto com a congregação [ekklesia] que se reúne em sua casa, enviam-vos muitas saudações no Senhor" (1 Co 16.19, grifo nosso); "Saúdam os irmãos que estão em Laodiceia, assim como Ninfa e a congregação [ekklesia] que se reúne na casa dela" (Cl 4.15, grifo nosso).

O livro de Atos dos Apóstolos testemunha a existência da igreja doméstica. Solto miraculosamente da prisão, Pedro e se dirige para a "casa de Maria, mãe de João, chamado Marcos, onde numerosos fiéis tinham se reunido para orar" (At 12.12, grifo nosso). A indicação de que havia fiéis reunidos para interceder, provavelmente pela libertação de Pedro, indica que a casa de Maria era o núcleo de uma igreja doméstica.

Há, também, o registro do surgimento dessas igrejas. Lídia, a vendedora de púrpura em Filipos que ouviu e aceitou a mensagem pregada por Paulo, após ser batizada convidou o apóstolo e seus companheiros a permanecerem em sua casa (At 16.14-15). Temos no relato a indicação do possível surgimento de uma igreja.

⁶⁵ TOWNER, Philip H – *Households and Household Codes*. In HAWTHORNE, Gerald F.; MARTIN, Ralph P.; REID, Daniel G. (Ed.). *Dictionary of Paul and his Letters*. Downers Grove: InterVarsity Press, 1993, p. 417, tradução nossa.

⁶⁶ CROSBY, Michael H – *House of Disciples: Church, Economics, and Justice in Matthew*. Ob. cit., p. 33, tradução nossa.

O próprio vocábulo *ekklesia* - igreja, presente em Mt 16.18⁶⁷, testemunha o caráter atualizante dos textos analisados, propondo a relação entre a casa e as práticas das comunidades cristãs primitivas. Do ponto de vista histórico, o termo "igreja" passa a ser vinculado aos grupos de seguidores de Jesus Cristo a partir da ressurreição deste. Do ponto de vista literário, como visto acima, nas citações de cartas paulinas e do livro de Atos dos Apóstolos, "igreja" era um termo associado à "casa", mas também abundante na correspondência paulina, produzida entre o final dos anos 40 e início dos anos 60 d.C.⁶⁸ Quando o evangelho de Mateus é escrito, provavelmente entre 80 e 100 d.C.⁶⁹, faz uso do título que se atribuía e era atribuído às comunidades cristãs.

Qual a relevância dos dados apresentados para a interpretação da casa como cenário no evangelho de Mateus? Lembremos o processo de ficcionalização em operação no que foi anotado no início deste texto a respeito da contribuição de Stanzel. Para ele, uma narrativa oferece espaços em branco, à espera de sua complementação pelo leitor. Esse processo se instaura principalmente no aspecto espacial de uma cena. Eis, então, indicado o vínculo que o narrador do evangelho de Mateus estabelece entre o cenário casa e sua complementação e atualização pelo leitor.

A conexão entre texto e ato de leitura é vital, uma vez que este se dá a partir da vivência concreta de seus leitores. Como salienta Vincent Jouve, "O sentido que se tira da leitura (reagindo em face da história, dos argumentos propostos, do jogo entre os pontos de vista) vai se instalar imediatamente no contexto cultural onde cada leitor evolui"⁷⁰, completado por Jean Marie Goulemot: "Ler é dar sentido de conjunto, uma globalização, uma articulação aos sentidos produzidos pelas sequências. [...] Ler é, portanto, constituir e não reconstituir sentido"⁷¹, e pensando a leitura como uma experiência histórica coletiva e pessoal: "[...] é o cultural que ordena o que acreditamos pertencer a uma singularidade extrema. [...] Parece-me evidente que, em grande parte, o que construímos como nossa história pessoal pertença, em boa parte de seus aspectos, a uma narração cultural"⁷².

⁶⁷ E em 18.17. A palavra está ausente nos demais evangelhos canônicos.

⁶⁸ O termo aparece, apenas para exemplificar, em Romanos 16.1, 4, 5, 16, 23; 1 Coríntios 1.2; 4.17; 6.4; 7.17; 10.32; 11.16, 18, 22; 12.28; 2 Coríntios 1.1; 8.1; 11.8, 28; Gálatas 1.2, 13, 22; Efésios 1.22; 3.10, 21; 5.23, 24, 25, 27, 29, 32; Filipenses 3.6; 4.15; Colossenses 1.18; 4.15; 1 Tessalonicenses 1.1; 2.14; 2 Tessalonicenses 1.1, 4; 1 Timóteo 3.5, 15; 5.16; Filemom 2. Quanto à citação das cartas, não entro em discussões críticas a respeito da autoria paulina ou não de algumas delas. Considero a atribuição indicada nas versões bíblicas. Para maiores informações, cf. BROWN, R. E – *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 2004, cp. 1, p. 55-74.

⁶⁹ Cf. LEONEL, João – *Mateus, o evangelho*. São Paulo: Paulus, 2013, p. 22-23.

⁷⁰ JOUVE, Vincent – *A leitura*. São Paulo: Editora UNESP, 2002, p. 22.

⁷¹ GOULEMOT, Jean Marie – *Da leitura como produção de sentidos*. In CHARTIER, Roger (Org.). *Práticas da leitura*. 2. ed. rev. São Paulo: Estação Liberdade, 2001, p. 108.

⁷² GOULEMOT, Jean Marie – *Da leitura como produção de sentidos*. Ob. cit., p. 110.

A hipótese que se propõe é que os leitores do evangelho de Mateus, ao se depararem com textos relativos à vida e ação de Jesus ambientados na casa, transfeririam para a interpretação de tais textos sua experiência histórica, social e religiosa de vivência nas casas/igrejas onde habitavam e cultuavam a Deus. Tal transferência de sentido seria respaldada terminológica e teologicamente pela relação entre casa e igreja construídas sobre a rocha nos textos de Mt 7.24-27 e 16.18.

Considerações finais

Este é o momento de reunir as informações e argumentos apresentados no decorrer deste artigo para uma síntese final.

O artigo construiu-se em oposição à ideia do exegeta alemão Georg Strecker, para quem a casa, no evangelho de Mateus, teria apenas uma função geográfica. Para construir proposta contrária foi necessário enfrentar a dificuldade inicial da presença discreta e sem detalhes desse cenário no evangelho de Mateus, que poderia corroborar sua função meramente indicativa da localização de Jesus e de outros personagens no evangelho.

O caminho foi construído a partir da identificação da construção ficcional dos espaços/cenários e de como eles participam, em graus variáveis, dos sentidos dos textos. Fez-se também um inventário da presença da casa (oikos/oikia) no evangelho e, em seguida, buscou-se identificar como o termo, em suas expansões narrativas, participa da elaboração do enredo. Por fim, dilatou-se a análise tendo em vista a incorporação dos textos de 7.24-27 e 16.18 ao tema.

Temos, agora, condições de afirmar e justificar que o cenário casa no evangelho de Mateus opera significados no nível intermediário das funções narrativas, definindo-se como o espaço que contribui para que personagens vivenciem experiências com Jesus Cristo.

Tal função é percebida quando reconhecemos o processo de cooperação entre narrador, que constrói o sentido literário do cenário, apresentando Jesus na casa, e o leitor, que atualiza as narrativas em seu próprio contexto de práticas comunitárias na igreja/casa.

Tal estratégia narrativa propõe aos leitores que suas casas/igrejas se constituam como os espaços, à semelhança do que ocorre no evangelho de Mateus, onde Jesus é defendido por seus seguidores de acusações de inimigos do cristianismo. A casa/igreja é o lugar de aprendizado sobre Jesus e de relacionamento místico com ele. Na casa/igreja os seguidores do mestre são desafiados a exercitar a fé. E na casa/igreja há sinais portentosos que indicam a presença do Jesus ressurreto entre a comunidade por meio do perdão de pecados, cura de pessoas

e ressurreição de mortos.

Mais do que descrever locais geográficos nos quais o Jesus Histórico esteve, falou e agiu, o narrador do evangelho de Mateus trabalha artisticamente a casa como espaço por excelência da fala e ação de Jesus Cristo e, ao mesmo tempo, chama o leitor para que, com sua experiência na casa/igreja, atualize os textos em sua própria vivência.

Artigo recebido em 30/07/2019

Artigo aceite para publicação em 16/09/2019.